

“O SER, A INFÂNCIA E “AS MARGENS DA ALEGRIA”

THE BEING, CHILDHOOD AND “THE MARGINS OF JOY

Raquel de Castro dos Santos 1

Resumo: O diálogo entre o tempo e o ser se dá originalmente nas histórias rosianas com as personagens infantis e anciãs. Tanto a criança quanto o idoso torna-se singular na narrativa. O tempo cronológico não cerceia a personagem rosiana, pois, a limitação da existência não decorre através faixa etária, de mesmo modo, não há predileção por uma fase da vida nas histórias rosianas, não há infantilização da criança. No conto “As margens da alegria”, a infância é apresentada como tempo de descobertas e de aprendizagem. O “Menino” que parte de casa para a visita à cidade grande, com os tios, deixando um mundo vivido e sua mãe, para um mundo a ser descoberto.

Palavras-chave: João Guimarães Rosa, infância, ser, tempo

Abstract: The dialogue between the time and the being occurs originally in the stories of the narrative with the infantile and old characters. Both the child and the elderly become unique in the narrative. Chronological time does not restrict character of Guimarães Rosa, since the limitation of existence does not occur through age, likewise, there is no predilection for a phase of life in stories of the narrative, there is no infantilization of the child. In the story “As margens da alegria”, childhood is presented as a time of discovery and learning. The “Boy” leaves your home for the visit to the big city, with his uncles, leaving a lived world and his mother, for a world to be discovered.

Keywords: João Guimarães Rosa, childhood, being, time

A condição humana, nas estórias rosianas, não pode ser medida, encadeada, limitada ou reduzida. João Guimarães Rosa, em suas narrativas, lança o precedente tema para o agir inesgotável. Enquanto houver o humano, a condição humana será, é e foi a questão fulcral para o ser, no entendimento de que o humano percebe-se no limite e para além do limite, como o ser não serve como ponto ou marca do humano restritamente e exclusivamente, mas, bem, lança-o ao desmedido.

A idade das personagens pode servir ao enredo, com sua ordem cronológica, com sua sucessão de eventos e pontualidades numéricas. A marca temporal serve somente ao encadeamento lógico, racional, técnico, preciso, cifrado. Portanto, não é esta marca que se apresenta e se revela nas estórias rosianas. O tempo insurge como o habitar (do humano), ou seja, o habitar poeticamente, o habitar da linguagem, o habitar do ser, o habitar do real, o habitar da verdade, o habitar da memória.

Desse modo, a criação das estórias rosianas é mostrada pelo contingente do sertão rosiano. Isso quer dizer que não há um julgamento moral nem social sobre a criação rosiana, bem como, dos anciões, que são apresentados na narrativa, também, dos adultos. A condição humana é mostrada na amplitude da linguagem, sem retenções, juízos de valor, cristalizações de pensamentos e espaços. São personagens lançadas ao aberto do dizer do narrar das estórias. São originais, inaugurais, primeiras.

Na estória “As margens da alegria”, do livro *Primeiras estórias*, escrito por João Guimarães Rosa, aparece que “ia um menino, com os tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade”¹. É nas margens da alegria, que o menino, protagonista, se mostrará nas veredas da tristeza. E esse conhecimento da tristeza e da alegria é uma grande aprendizagem da existência, do ser, do real, da linguagem. Dizer-se alegre e/ou triste é mais do que um estado de ânimo e independe da faixa etária. A criança depara-se com a alegria e a tristeza assim como um adulto ou idoso. Desse modo, em meio ao voo, ao início do conto, é narrado o seguinte:

O avião era da Companhia, especial, de quatro lugares. Respondiam-lhe a todas as perguntas, até o piloto conversou com ele. O vôo ia ser pouco mais de duas horas. O menino fremia no arcoçôo, alegre de rir para si, confortavelzinho, com um jeito de folha a cair. A vida podia às vezes raiar numa verdade extraordinária. Mesmo o afivelarem-lhe o cinto de segurança virava forte afago, de proteção, e logo novo senso de esperança: ao não-sabido, ao mais. Assim um crescer e desconter-se – certo como o ato de respirar – o de fugir para o espaço em branco. O Menino.²

O Menino, maiúsculo ante o aprendizado do real, do dizer, abre-se ao mundo. A idade, portanto, não serve como limitação imposta à personagem na narrativa. As personagens rosianas são mundividentes por estarem abertas à linguagem, ao dizer, à escuta do real movente, ao mundividente agir do caos e cosmos, que agem para a diferença e para a unidade. O Menino depara-se com um fato que poderia ser visto com o olhar puramente trivial, uma viagem, e ele insurge no real com toda sua amplitude de sentidos. Ele não procura as respostas, mas a viagem, o “não-sabido”, o “mais”, “o espaço em branco”.

Anteriormente, no mesmo parágrafo do conto, há o narrado a seguir sobre a viagem: “Era uma viagem inventada no feliz; para ele, produzia-se em caso de sonho.”³ Conclui-se, portanto, que era uma viagem desejada e esperada. O que o Menino não podia saber era o que aconteceria adiante. A dinâmica do real não só surpreende como muda as posições. De modo que não se pode apreendê-la em totalidade, posto que ela ressoa o desmedido, a amplitude, o caos, o cosmos. Não se trata de percursos paralelos ou complementares, mas da insuficiência humana para obter a abrangência totalizadora do real. Os seres humanos estão contidos no real, mas o real em sua totalidade não está contido nos seres humanos.

No caminhar ambivalente, as nuances adquirem projeções se o ter torna-se valorizado em detrimento do ser. Na estória, é certo o sentido contemplado. É o que mostra a narrativa a seguir:

¹ ROSA, João Guimarães Rosa. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001a. p. 49

² *Ibidem*, p. 49

³ ROSA, Op. cit., p. 49

“E as coisas vinham docemente de repente, seguindo harmonia prévia, benfazeja, em movimentos concordantes: as satisfações antes da consciência das necessidades”⁴. O ganho adquirido mostra-se maior do que o desejo, a ânsia e a vontade. A quebra da cláusula causa-consequência indica a vida curada no real, longe de qualquer formulação ou formatação. Depreende-se, assim, que não é a finalidade alcançada que torna a vida feliz e nem a construção, a fabricação, a visualização de um produto.

É a alegria um sentimento ou estado de espírito? Na narrativa, ela é contingência do humano. Assim, manifestada no menino, a alegria mostra-se operante. No entanto, ela não ocorre pela posse efetivamente. Como se pode perceber no seguinte trecho:

Se homens, meninos, cavalos e bois – assim insetos? Voavam supremamente. O Menino, agora, vivia; sua alegria despedindo todos os raios. Sentava-se, inteiro, dentro do macio rumor do avião: o bom brinquedo trabalhoso. Ainda nem notara que, de fato, teria vontade de comer, quando a Tia já lhe trazia sanduíches. E prometia-lhe o tio as muitas coisas que ia brincar e ver, e fazer e passear, tanto que chegassem. O Menino tinha tudo de uma vez, e nada, ante a mente. A luz e a longa-longa-longa nuvem. Chegavam.⁵

Portanto, ninguém é dono da alegria. Tampouco ela é fruto do acaso. No entanto, ela insurge plenamente. Assim demonstra o trecho apresentado. A plenitude da unidade de cada ser. De modo que a alegria não se divide em corpos, ou vivifica-se em alguns escolhidos, nem tangencia outros. Ela é plenitude do inaugural instaurado. Pode-se abrir à alegria quem a vivifica plenamente. Não há meia alegria, alegria mínima, alegria máxima ou alegria potencial.

Ter tudo e nada na mente não significa, restritamente, oposição entre mente vazia e mente povoada. Visto na afirmativa haveria uma relação simplória entre muito o que pensar e o nada a ser pensado. O Menino, no entanto, naquilo que se dá, mostra-se aberto à alegria com todas as suas vicissitudes. Posto que, nela, não há pensamentos rígidos e encadeados e nem a ausência deles. O tudo é a plenitude irrompida em completude e o nada é a plenitude do inaugural silêncio.

Na linguagem, a complexidade da alegria não pode ser reduzida à diferença entre estar alegre ou ser alegre. Não é um estado de espírito, uma qualidade, ou pressupõe uma ação. Muito menos uma meta a ser atingida. Não é uma finalidade. Nem meio. Não pode ser remitida a um objeto, a um utensílio, a um corpo, a um material a um instrumento. Não deve ser vista como fruto do acaso, do azar, da sorte ou da predestinação.

A alegria não pode ser esquematizada e dicotomizada entre a permanência e a mudança. Pois o movimento é o operar do permanente e do mutável em unidade de sentido. Não são movimentos antagônicos que instauram a alegria, mas a unidade tecida pelo agir no real. O agir do velar e o do desvelar, do encobrimento e do descobrimento, mundificam a pluralidade múltipla do real. A alegria não serve como medida para todos todo o tempo. Ela não é uma forma pronta a ser adquirida com muito, pouco ou qualquer esforço em unificá-la. A alegria é própria de cada ser. Sua unidade está em consonância com a mundificação inaugural de cada ser.

A alegria vigora no desmedido. Não está à disposição como mercadoria ou algo a ser conquistado como um objeto com finalidade de fabricação. Longe de ser algo aprendido e apreendido pela repetição, a alegria é vivência e experiência. Não é uma força centrífuga ou centrípeta, de dentro para fora ou de fora para dentro, articulada pela alegria. Esta é o movimento harmonioso do apropriar-se daquilo que é próprio na mundificação do real, da linguagem, da memória, da verdade. A alegria é o movimento do ser.

O jogo do real é a unidade harmoniosa, entre o real, a realidade e a realização. Não há movimento de afastamento, de exclusão, de impedimento ou dialético. Pela consonância, tudo pode tornar-se vigente e silêncio. Assim, “O Menino tinha tudo de uma vez, e nada, ante a mente.”⁶ No vigenciar a alegria, o menino depara-se com o tudo a tornar-se vigência e o nada que silencia.

4 Ibidem, p. 50

5 ROSA, Op. cit., p. 50

6 ROSA, Op. cit., p. 50

Pelo aberto da linguagem, o sentido acontece pela relação estabelecida pelo próprio. Aquilo que faz sentido aparece pela linguagem. A linguagem, por não ser linear, é abertura, e não imposição de sentidos, menos ainda, de atribuições de signos arbitrárias para a existência. A alegria é própria do desmedido do real em consonância com a linguagem.

O entendimento por desmedido recai na pluralidade de possibilidades no real. Ninguém (e nunca) pode cercar o real, ou limitá-lo à realização corrente. O real compreende os entes, o silêncio e o ser, sem que haja a ação limítrofe para este último. Ser alegre é caminhar pelas veredas, onde as margens são ilimitadas, desmedidas, sem estrutura, sem configuração, sem estado. É o operar do próprio em consonância com o ser. Não pode ser fracionada ou dosada. A unidade da alegria é sentido na amplitude da linguagem. No entanto, dizer somente que se é alegre não é requisito avaliativo ou finalizador para tornar a alegria presente ou torná-la vigência.

A alegria não se remete às projeções, às objetivações, às funções, às finalizações, às medições, às atribuições, às apelações, às relativizações, às proposições. Tampouco sua vigência dá-se no plano temporal cronológico. É o momento instaurador que diz a alegria em acontecimento. Desse modo, o seguinte trecho demonstra o exposto anteriormente: “E as coisas vinham docemente de repente, seguindo harmonia prévia, benfazeja, em movimentos concordantes; as satisfações antes da consciência das necessidades.”⁷ A alegria não se dá pelo preenchimento da falta. O que falta não é próprio, não vigora no realizar do ser mundificado. O que falta é medida falaz que não condiz à completude do próprio. A alegria não é possessão. Possuir algo ou alguém não condiz com a alegria. A possessão indica a ação pelo simplório estado de fora do próprio. A alegria não pode vigorar pela relação de posse, já que opera o próprio do ser que se manifesta se instaurando no desmedido do real, da linguagem, da verdade. A alegria vigora no operar do real, do desmedido velar e desvelar do próprio, inerente ao ser.

A alegria é uma aprendizagem, assim como a tristeza. Ao tomar ciência da morte do peru, o qual o havia maravilhado, surge um novo momento, a tristeza mundifica-se. E “tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam.”⁸ A inexorabilidade das ações podem justificar os meios, mas não a aprendizagem. Esta vigora na apropriação do próprio. O diálogo possibilita que haja reunião com a permanência do diferente em harmonia. O real não pode ser manuseado em sua integridade e união totalizadora. As ações dispersas ocorrem e não se pode impedi-las, apesar de todo cuidado. Não se pode estar em todas as possibilidades do real.

A descoberta da tristeza pela dor é a aprendizagem do menino. Assim, o menino

Cerrava-se, grave, num cansaço e numa renúncia à curiosidade, para não passear com o pensamento. Ia. Teria vergonha de falar do peru. Talvez não devesse, não fosse direito ter por causa dele aquele doer, que põe e punge, de dó, desgosto e desengano. Mas, mataram-no, também, parecia-lhe obscuramente algum erro. Sentia-se sempre mais cansado. Mal podia com o que agora lhe mostravam, na circuntristeza: o um horizonte, homens no trabalho de terraplanagem, os caminhões de cascalho, as vagas árvores, um ribeirão de águas cinzentas, o velame-do-campo apenas uma planta desbotada, o encantamento morto e sem pássaros, o ar cheio de poeira. Sua fadiga, de impedida emoção, formava um medo secreto: descobria o possível de outras adversidades, no mundo maquinal, no hostil espaço; e que entre o contentamento e a desilusão, na balança infidelíssima, quase nada medeia. Abaixava a cabecinha.⁹

A aprendizagem é mais do que um processo, é se tornar em vigência com diálogo. A morte do peru encadeou a aprendizagem do menino. Mais do que um tema, a morte surge como processo de aprendizagem. A tristeza dá sentido ao que habita o próprio no menino. O acontecimento se deu

⁷ ROSA, Op. cit., p. 50

⁸ ROSA, Op. cit., p. 52

⁹ Ibidem, p. 53

e a tristeza acometeu o menino. A nuance do “contentamento” e da “desilusão” revela um mundo onde o acontecer pode insurgir distante das vontades, dos desejos, das ânsias, dos caprichos, das tendências, das adoções e das necessidades. E a aprendizagem condiz com a escuta do próprio no acontecimento.

Abaixar a cabeça não é sinal de derrota, mas de resignação para a ação do real. É momento de ponderação, de abertura para a tristeza que manifestada propicia a aprendizagem quando o caminho escolhido é abrir-se à vida, ao real, sem fechar-se em si, mas estar em diálogo com a amplitude da linguagem, da verdade, do ser que diz o inaudito e mostra-se ao dizer no narrar. A dor é inaudível, mas o sentido é a aprendizagem naquilo que é próprio e pode, também, ser em diálogo.

O dizer do inaudito é aprendizagem. A dor é experiência experienciável na tristeza. Portanto, a tristeza não carrega em si, somente e inextensivelmente o polo negativo que lhe é atribuído comumente. Ela, sendo abertura, é deambulação pelas veredas da linguagem, do ser, da verdade, da memória, do narrar. Narrar a tristeza não é remeter-se à encadeação de fatos ou remeter-se às adjetivações, substantivações ou objetivações para um objeto ou sujeito, mas sim, estar à escuta do aberto em que a tristeza faz sua morada. Viver a tristeza é estar aberto ao real, à linguagem, à memória, à verdade, ao ser.

A tristeza faz parte da aprendizagem em totalidade. Ela mundifica-se na unidade do próprio. A plenitude da tristeza pode ser medida na atitude do menino que “abaixava a cabecinha”. Essa atitude não pode ser incompreendida e resumida a um ato de derrota, de entrega dos pontos. Deve sim ser apreendida pela simbologia de voltar-se ao próprio. A tristeza não pode ser apartada da vida, do vivenciar, do vigorar, do vigor, do vigiar, do vigenciar, por atribuições, ideologias e significações de um oásis representado e intacto perante o caminhar pelo real. Este não pode ser representado, formulado ou estruturado, pois se dá no desmedido operar do sertão, em que a linguagem, a verdade, a memória e o ser são confluências harmoniosas consonantes instauradoras da originalidade do próprio.

O menino rosiano vive o sertão movente e o para além do sertão. A amplitude rosiana é o experienciar do real. As margens apresentam-se como tais, ou seja, são caminhos, possibilidades, inaugurabilidades de acontecimentos, vigos do operar do real. Elas não são empecilhos para o ser, para a escuta do próprio, para a ausculta do sentido, da alegria e da tristeza. A tristeza sentida torna-se experiência quando se dá no auscultar do próprio no real, na linguagem, na memória, na verdade, no ser em operar dialógico harmonioso. Não se trata de um processo em que se deve percorrer estágios e efetuar tarefas, mas, sim, trata-se de estar à escuta do dito, do mostrado no narrar, no existir, no ser. Aprender através do que é próprio e para o próprio é experienciar o experienciável na unidade, no sentido, no narrado; não é excludente, mas dialógico. É o próprio diálogo, visto que lançar-se no desmedido é tecer conexões, pontes, relações, sem preconizar a uniformidade ou igualdade. O carimbo de unicidade não existe nas páginas das histórias rosianas.

Assim, a tristeza existe no vir a ser do sertão, no experienciável do experienciar, do vigorar do narrar, no narrado, no menino. É o que demonstra o seguinte parágrafo do conto:

Tudo se amaciava na tristeza. Até o dia; isto era: já o vir da noite. Porém, o subir da noitinha é sempre e sofrido assim, em toda parte. O silêncio saía de seus guardados. O Menino, timorato, aquietava-se com o próprio quebranto: alguma força, nele, trabalhava por arraigar raízes, aumentar-lhe a alma.¹⁰

Há o que não pode ser negligenciado, dispensado, trocado, concedido, recusado, descuidado, mas, pode ser doado, narrado na história. Há o que vigorar no próprio. A tristeza mundificada no menino instaura o sofrer que traz consigo o sentido percebido e inaugurado nele. As altas estrelas acompanham o sofrimento de muitos. Na plenitude, o próprio diz mais do que meras palavras ou do que ditos mudezes. Diz a propriedade do operar do próprio.

A tristeza amacia. A experiência curtida imprime força no tecido experienciável e experienciado. A maciez é a vigência do próprio. E ela torna o menino aprendiz. A vigência da tristeza instaura sua inaugurabilidade tecida pelo acontecer original em consonância com o próprio

10 ROSA, Op. cit., p. 54

na estória rosiana. Assim, a tristeza é rito, torna presença. A aprendizagem aumenta “a alma”. A estória rosiana demonstra que a criança rosiana está à escuta e em experientiação do real, do mundo, do sertão. A criança é pertencente ao vigorar do sertão rosiano e do para além do sertão, do desmedido do mundo, do desmedido do real.

Na narrativa de “As margens da alegria” a vigência da tristeza é suplantada pela vigência da alegria. O menino fez, da experiência, aprendizagem no descampado. Assim, o último parágrafo plenifica a alegria no narrado. A alegria da aprendizagem é o diálogo do próprio com a linguagem, o real, o ser, o velar e desvelado dialógicos. Narrar a alegria é narrar o experienciável experienciado. Assim, o conto é concluído: “Voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vagalume. Sim, o vagalume, sim, era lindo —tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a Alegria.”¹¹

O vagalume maravilha o menino novamente. Agora, não mais o peru com suas cores e penugem, mas sim, o vagalume com seu brilho. A alegria maiúscula é a plenitude.

A criança é personagem de excelência rosiana. Em outro conto, intitulado “Os cimos”, um menino, provavelmente o mesmo de “As margens da alegria”, viaja novamente. Assim, é o começo da estória, intitulado “O inverso afastamento”:

Outra era a vez. De sorte que de novo o Menino viajava para o lugar onde as muitas mil pessoas faziam a grande cidade. Vinha, porém, só com o Tio, e era uma íngreme partida. Entrara aturdido no avião, a esmo tropeçante, enrolava-o de por dentro um estufo como cansaço; fingia apenas que sorria, quando lhe falavam. Sabia que a Mãe estava doente. Por isso o mandavam para fora, decerto por demorados dias, decerto porque era preciso. Por isso tinham querido que trouxesse os brinquedos, a Tia entregando-lhe ainda em mão o preferido, que era o de dar sorte: um bonequinho macaquinho, de calças pardas e chapéu vermelho, alta pluma. O qual, o prévio lugar dele sendo na mesinha, em seu quarto. Pudesse se mexer e viver de gente, e havia de ser o mais impagável e ardeiro deste mundo. O Menino cobrava maior medo, à medida que os outros mais bondosos para com ele se mostravam. Se o Tio, gracejando, animava-o a espiar na janelinha ou escolher as revistas, sabia que o Tio não estava de todo sincero. Outros sustos levava. Se encarasse pensamento na lembrança da Mãe, iria chorar. A Mãe e o sofrimento não cabiam de uma vez no espaço de instante, formavam avesso — do horrível do impossível. Nem ele isso entendia, tudo se transtornando então em sua cabecinha. Era assim: alguma coisa, maior que todas, podia, ia acontecer?

Nem valia espiar, correndo em direções contrárias, as nuvens superpostas, de longe ir. Também, todos, até o piloto, não eram tristes, em seus modos, só de mentira no normal alegrados? O Tio, com uma gravata verde, nela estava limpando os óculos, decerto não havia de ter posto a gravata tão bonita, se à Mãe o perigo ameaçasse. Mas o Menino concebia um remorso, de ter no bolso o bonequinho macaquinho, engraçado e sem mudar, só de brinquedo, e com a alta pluma no chapeuzinho encarnado. Devia jogar fora? Não, o macaquinho de calças pardas se dava de também miúdo companheiro, de não merecer maltratos. Desprendeu somente o chapeuzinho com a pluma, este, sim, jogou, agora não havia mais. E o Menino estava muito dentro dele mesmo, em algum cantinho de si. Estava muito pra trás. Ele, o pobrezinho sentado.

O quanto queria dormir. A gente devia poder parar de estar tão acordado, quando precisasse, e adormecer seguro, salvo. Mas não dava conta. Tinha de tornar a abrir demais os olhos, às nuvens que ensaiam esculturas efêmeras. O Tio olhava no relógio. Então, quando chegavam? Tudo era, todo-tempo, mais ou menos igual, as coisas ou outras. A gente, não. A vida não parava nunca, para a gente poder viver direito, concertado? Até o macaquinho sem chapéu iria conhecer do mesmo jeito o tamanho daquelas árvores, da mata, pegadas ao terreiro da casa. O pobre do macaquinho, tão pequeno, sozinho, tão sem mãe; pegava nele, no bolso, parecia que o macaquinho agradecia, e, lá dentro, no escuro, chorava.

Mas, a Mãe, sendo só alegria de momentos. Soubesse que um dia a Mãe tinha de adoecer, então teria ficado sempre junto dela, espiando para ela, com força, sabendo muito que estava e que espiava com tanta força, ah. Nem teria brincado, nunca, nem outra coisa nenhuma, senão ficar perto, de não se separar nem para um fôlego, sem carecer de que acontecesse o nada. Do jeito feito agora, no coração do pensamento. Como sentia: com ela, mais do que se estivessem juntos, mesmo, de verdade.

O avião não cessava de atravessar a claridade enorme, ele voava o vôo —que parecia estar parado. Mas no ar passavam peixes negros, decerto para lá daquelas nuvens: lombos e garras. O Menino sofria sofreado. O avião então estivesse parado voando —e voltando para trás, mais, e ele junto com a Mãe, do modo que nem soubera, antes, que o assim era possível.¹²

O sofrimento insurge em momentos agudos, quando o real se apresenta desmedido e não se pode conter o agir incessante em que não corresponde ao ter e conhecer. O Menino, do conto rosiano, sofre com a possível enfermidade da mãe e com o seu afastamento dela pela viagem com os tios. A viagem é marcada pelo sofrimento e não pela felicidade, comum a quem está vivenciando alegremente a viagem, sem pairar a mente em questões que remetam a certa dor, sofrimentos quando vividos e pensados.

Apresenta-se um sofrimento só do menino, acompanhado pelo o macaquinho dele. É preciso chegar-se ao centro de si para ser todo sentido, como o fez o menino: “E o Menino estava muito dentro dele mesmo, em algum cantinho de si.”¹³ Na vastidão das tantas possibilidades, o menino tem seu centro em si. Na vastidão do centro, ele se instaura em um lugarejo, sem margem, na vereda. Auscultar a si permite que haja aprendizado de si. Aprender sobre si torna-se a grande aprendizagem, não ligada ao egocentrismo ou idolatria, mas a aprender o que se é.

As crianças rosianas são aprendizes e mestres. Provável redundância de escuta do sertão, do mundo, de qualquer passagem e paragem. Através da auscultação, faz-se sentido. O sertão, portanto, não é ponto de partida nem de chegada. É o caminhar. É o florescer. É a auscultar. O sertão é sentido. É linguagem. É a vereda. É o mundo movente. É o aquém, o além e a margem. Neste real, as crianças são dotadas de sabedoria do sertão, de auscultar.

Os sentidos surgem no narrar rosiano. O grande companheiro do menino, o macaquinho é dito pelo auscultar. Assim, “O pobre do macaquinho, tão pequeno, sozinho, tão sem mãe; pegava nele, no bolso, parecia que o macaquinho agradecia, e, lá dentro, no escuro, chorava.”¹⁴ A simetria entre ambos, o macaquinho e o menino, instaura-se pelo narrar e o mostrar do dizer. Não se trata de um correlato estabelecido para dar ênfase, ou significar intensidade, mas, sim, para a instauração

12 ROSA, Op. cit., pp. 224, 225, 226

13 Ibidem, p. 225

14 ROSA, Op. cit., p. 226

de sentido.

O sofrimento não ocorre segundo uma escala de ordem crescente ou decrescente, nem se dá por força representativa. Ele é sentido pelo menino, e, como tal, mostra sentido. A ausência da mãe é sentida pela ausência do menino. Assim, com a presença do menino, logicamente, a enfermidade da mãe poderia ter sido evitada. É o que ele chega a pensar: “Mas, a Mãe, sendo só alegria de momentos. Soubesse que um dia a Mãe tinha de adoecer, então teria ficado sempre junto dela, espiando para ela, com força, sabendo muito que estava e que espiava com tanta força, ah.”¹⁵ Sem remédio para o passado, resta viver, auscultar a si, já que as chaves, para os acontecimentos, não se encontram à disposição das mãos absortas, enfileiradas à espera de alguém sagaz para desvendar os segredos.

“O inverso afastamento” é sentido pelo menino. Quanto mais ele vai ao longe, mais se encontra próximo da mãe. O sentido da mãe despertado nele instaura uma proximidade, traçando um diálogo pleno. Sente-se a falta da presença como estabelecimento de sentidos e de diálogos. A enfermidade pode aproximar as pessoas quando o sentido torna-se diálogo. O sofrimento da perda pode se configurar como a ausência da presença. Mas, o sofrimento pleno se dá pela impossibilidade de se fazer diálogo. E, apesar da distância, o menino se encontra próximo da mãe. Ele traça sentidos para a relação dele com a mãe. Sua mãe não é uma figura distante, mas, sim, fornece-lhe sentidos. Através da relação presente entre o menino e a mãe, o real adquire uma nova dimensão, no desmedido, onde convergem os sentidos, doações da linguagem em consonância com o ser. Auscultar o ser é ver além da linha tênue que põe limites a tudo que se mostra. Auscultar o ser é ir além das margens impostas ou renegadas pelo olhar turvo que dicotomiza, sintetiza, mimetiza e prioriza as classificações e não os sentidos instaurados no real, bem como, a inaugurabilidade do ser.

O sofrimento, como instauração consonante do real, da linguagem, do ser, da memória e da verdade, não é visto como negativo nem dito como empecilho a ser evitado nas estórias rosianas. O sofrimento traz aprendizagem. Quem disse que o caminho seria um mar de rosas, tangenciou os espinhos. O sofrimento não é apresentado polarizado do negativo e dualizado com a positividade. Ele é inaugurabilidade para o que pode ser aprendido e pelo que aprendido no caminho que é a vida que surge e insurge ao redor e em cada um.

A imanência do sofrimento manifesta a procura pelo contato, pelo sentido. O sofrimento não vem da percepção, seja da solidão, da ingratidão ou do desprezo, nem do olhar volátil ao redor, mas, sim, da escuta do próprio. O sofrimento é o caminho no deambular do próprio de cada um. O sofrimento é a aprendizagem de cada um, no agir do desdobrar, descobrimento, revelação, desvelamento. Há que ouvir o dizer que se mostra. Assim, a aprendizagem, mais que um ganho ou um bilhete premiado, torna-se o auscultar de si, do próprio, do ser e o diálogo com a harmonia criadora de unidade consonante.

A realização imediata não pode comportar o sofrimento, de modo que há o transbordamento da margem, em vezes diagnosticada como loucura. A dor não cabe em uma forma nem fórmula prontas. No real, os sentidos são plurais, bem como, as personagens rosianas são, também, inaugurais. Inclusive, o sofrimento é plural e inaugural. Do sofrimento nasce a experiência e a aprendizagem. Estas não são sinônimas de facilidade, de representação, de estrada acabada, de conhecimento adquirido, de caminho sem volta, de arrependimentos, de devaneios, de sublimações, de adoção cega e intransigente, de fatos explicativos, de busca por sujeitos e objetos, de desilusões, de frustrações, de relações estabelecidas consequencial e causalmente. Os elementos e relações estabelecidos são artificiais e superficiais. Não demonstram a operar do sofrimento no âmbito de escuta do próprio.

Inclusive, não se pode fugir do sofrimento nem pedir-lhe que volte mais tarde ou outro dia qualquer. Na estória, o Menino percebeu isso. E assim é narrado o seguinte: “O quanto queria dormir. A gente devia poder parar de estar tão acordado, quando precisasse, e adormecer seguro, salvo. Mas não dava conta. Tinha de tornar a abrir demais os olhos, às nuvens que ensaiam esculturas efêmeras.”¹⁶ O sofrimento é resposta humana cujo o sentido se dá no próprio em que a linguagem se instaura em diálogo com o real. A aprendizagem se dá ao auscultar o próprio no sofrimento.

¹⁵ Ibidem, p. 226

¹⁶ ROSA, Op. cit., p. 225

Já que o real não se dá de acordo, inteiramente, com as vontades, desejos e anseios, saber caminhar no real eclodido é aprendizagem. Assim, as estórias rosianas indicam a supremacia do real frente às vontades humanas, como se pode perceber no parágrafo a seguir:

Na casa, que não mudara, entre e adiante das árvores, todos começaram a tratá-lo como qualidade de cuidado. Diziam que era pena não haver ali outros meninos. Sim, daria a eles os brinquedos; não queria brincar, mais nunca. Enquanto a gente brincava, descuidoso, as coisas ruins já estavam armando a assanhação de acontecer: elas esperavam a gente atrás das portas.¹⁷

Inclusive, não há para onde fugir, não adianta se fingir de cego e se afastar e se opor aos fatos. Há que fazer dos fatos, acontecimentos que, sendo inaugurais, instauram no próprio a aprendizagem, a escuta do real.

A escuta é o agir da linguagem. De modo que a eclosão do real em linguagem pode ser vista nos seguintes parágrafos do conto rosiano:

E, vindo o outro dia, no não-estar-mais-dormindo e não-estar-ainda-acordado, o Menino recebia uma claridade de juízo — feito um sopro —doce, solta. Quase como assitir às certezas lembradas por um outro; era que nem uma espécie de cinema de desconhecidos pensamentos; feito ele estivesse podendo copiar no espírito ideias de gente muito grande. Tanto, que, por aí, desapareciam, esfiapadas.

Mas, naquele raiar, ele sabia e achava: que a gente nunca podia apreciar, direito, mesmo, as coisas bonitas ou boas, que aconteciam. Às vezes, porque sobrevinham depressa e inesperadamente, a gente nem estando arrumado. Ou esperadas, e então não tinham gosto de tão boas, eram só um arremedado grosseiro. Ou porque as outras coisas, as ruins, prosseguiam também, de lado e do outro, não deixando limpo lugar. Ou porque faltavam ainda outras coisas, acontecidas em diferentes ocasiões, mas que careciam de formar junto com aquelas, para o completo. Ou porque, mesmo enquanto estavam acontecendo, a gente sabia que elas já estavam caminhando, para se acabar, roídas pelas horas, desmanchadas... O Menino não podia ficar mais na cama. Estava já levantado e vestido, pegava o macaquinho e o enfiava no bolso, estava com fome.¹⁸

A apreciação, o auscultar, consonante pelo próprio, nem sempre é inaugurado. Nos parágrafos suscitados, o narrador do conto elenca situações em que não são experienciadas plenamente para tornarem-se acontecimentos, no diálogo instaurado pelo real e pela linguagem, no vigorar do próprio.

Na estória “Os cimos”, o “aparecimento do pássaro” é extraordinário. É inauguração da instauração original do real. Assim, verifica-se a abertura do real em linguagem no trecho a seguir:

O alpendre era um passadiço, etre o terreirinho mais a mata e o extenso outro-lado —aquele escuro campo, sob rasgos, neblinas, feito um gelo, e os perolins do orvalho: a ir até o fim de vista, à linha do céu de este, na extrema do horizonte. O sol ainda não viera. Mas a claridade. Os cimos das árvores se douravam. As altas árvores depois do terreiro, ainda mais verdes, do que o orvalho lavara. Entremanhã — e de tudo o perfume, e passarinhos piando. Da cozinha, traziam café.

17 ROSA, Op. cit., p. 226

18 Ibidem, pp. 227-228

E: — “Pst!” —apontou-se. A uma das árvores, chegara um tucano, em brando batido horizontal. Tão perto! O alto azul, as frondes, o alumiado amarelo em volta e os tantos meigos vermelhos do pássaro —depois de seu vôo. Seria de ver-se: grande, de enfeites, o bico semelhante flor de parasita. Saltava de ramo em ramo, comia da árvore carregada. Toda a luz era dele, que borrifava-a de seus coloridos, em momentos pulando no meio do ar, estapafrouxo, suspenso esplendetemente. No topo da árvore, nas frutinhas, tuco, tuco... daí limpava o bico no galho. E, de olhos arregaçados, o Menino, sem nem poder segurar para si o embevecido instante, só nos silêncios de um-dois-três. No ninguém falar. Até o Tio. O Tio, também, estava de fazer gosto por aquilo: limpava os óculos. O tucano parava, ouvindo outros pássaros —quem sabe, seus filhotes —da banda da mata. O grande bico para cima, desferia, por sua vez, às uma ou duas, aquele grito meio ferrugento dos tucanos: — “Crrée!”... O Menino estando nos começos de chorar. Enquanto isso, cantavam os galos. O Menino se lembrava sem lembrança nenhuma. Molhou todas as pestanas.

E o tucano, o vôo, reto, lento —como se voou embora, xô, xô! — mirável, cores pairantes, no garridir; fez sonho. Mas a gente nem podendo esfriar de ver. Já para o outro imenso lado apontavam. De lá, o sol queria sair, na região da estrela-d’álva. A beira do campo, escura, como um muro baixo, quebrava-se, num ponto, dourado rombo, de bordas estilhaçadas. Por ali, se balançou para cima, suave, aos ligeiros vagarinhos, o meio-sol, o disco, o liso, o sol, a luz por tudo. Agora, era a bola de ouro a se equilibrar no azul de um fio. O Tio olhava no relógio. Tanto tempo que isso, o Menino nem exclamava. Apanhava com o olhar cada sílaba do horizonte.

Mas não pudera combinar com o vertiginoso instante a presença de lembrança da Mãe —sã, ah, sem nenhuma doença, conforme só em alegria ela ali teria de estar. E nem a ligeireza de idéia de tirar do bolso o companheiro bonequinho macaquinho, para que ele visse também: o tucano — o senhorzinho vermelho, batendo as mãos, à frente o bico empinado. Mas feito se, a cada parte e pedacinho de seu vôo, ele ficasse parado, no trecho e impossivelzinho do ponto, nem no ar —por agora, sem fim e sempre.¹⁹

O surgimento do tucano irrompido no real instaura uma mundividência primeira na estória. O dizer do narrar do narrado abre-se à aparição inaugural vertido pelo real e pela linguagem na estória. A instauração do aparecimento do tucano é um acontecimento ante as retinas sofríveis do Menino. A mundividência auscultada inaugura-se no Menino diante do real que se instaura. Ele “se lembrava sem lembrança nenhuma”. A doação do real é o desmedido inaugural. É o original que vem de encontro ao próprio, em que o Menino “molhou todas as pestanas”.

O acontecimento do sol se pondo firme no céu azul é a nascitividade. Enquanto o tio olhava o relógio, o Menino “nem exclamava. Apanhava com o olhar cada sílaba do horizonte.” A linguagem permite que o Menino leia o pôr-do-sol. O horizonte não se apresenta em fragmentos, em pequenos espaços quadriculados como um quebra-cabeça.

O próprio do Menino é diálogo com o real. Nem a lembrança da mãe sã nem a presença do macaquinho ao seu lado podem desvirtuar o diálogo estabelecido entre o próprio do Menino, o real e a linguagem. É o seu próprio que permite a auscultação do real. O Menino vivifica-a em seu desmedido aflorar enquanto que seu Tio encontra-se preso nas artimanhas tecnicista do momento

cronológico. O Menino está na temporalidade do desmedido, da abertura da linguagem, doadora de sentidos, de silêncio, do dizer do narrar na narrativa.

A presença do tucano no desmedido do céu simboliza o menino no desmedido do real, da linguagem, do dizer do narrar. A narrativa apresenta-se para além do dito e o dizível é a instauração dialógica entre a linguagem e o real. O tucano não é representação, mas o agir da natureza. O tucano dialoga com o próprio do Menino. A natureza é diálogo com o Menino, marcado pela letra maiúscula, pois, ele é dialógico, auscultador da linguagem e vivificador do real. A natureza em plenitude é diálogo em unidade. Em “O trabalho do pássaro”, o tucano, propedêutico, inaugura a cura. Assim, apresentam-se os seguintes parágrafos do conto:

Assim, o Menino, entre dia, no acabrunho, pelejava com o que não queria querer em si. Não suportava atentar, a cru, nas coisas, como são, e como sempre vão ficando: mais pesadas, mais-coisas —quando olhadas sem precauções. Temia pedir notícias; temia a Mãe na má miragem da doença? Ainda que relutasse, não podia pensar para trás. Se queria atinar com a Mãe doente, mal, não conseguia ligar o pensamento, tudo na cabeça da gente dava num borrão. A Mãe da gente era a Mãe da gente, só; mais nada.

Mas, esperava; pelo belo. Havia o tucano —sem jança — em vô e pouso e vô. De novo, de manhã, se endereçando só àquela árvore de copa alta, de espécie chamada mesmo tucaneira. E dando-lhe o raiar do dia, seu fôlego dourado. Cada madrugada, à horinha, o tucano, gentil, rumoroso: ...chégochégochégo... —em vô direto, jazido, rente, traçado macio no ar, que nem um naviozinho vermelho sacudindo devagar as velas, puxado; tão certo na plana como se fosse um marrequinho deslizando para a frente, por sobre a luz de dourada água. [...]

Esperava-se o tucano, que chegava, a-justo, a-tempo, a-ponto, às seis-e-vinte da manhã; ficava, de arvoragem, na copa da tucaneira, futricando as frutas, só os dez minutos, comidos e estrepulados. Daí, partia, sempre naquele outro-rumo, no antes do pingado meio-instante em que o sol arbolava redondo do chão; porque o sol era às seis-e-meia. O Tio media tudo no relógio. [...]

De repente, ouviu que, para consolá-lo, combinavam maneira de pegar o tucano: com alçapão, pedrada no bico, tiro de espingardinha na asa. Não e não! —zangou-se, aflito. O que cuidava, que queria, não podendo ser aquele tucano, preso. Mas a fina primeira luz da manhã, com, dentro dela, o vô exato. [...]

O Tio, entanto, diante dele, parou sem a qualquer palavra. O Menino não quis entender nenhum perigo. Dentro do que era, disse, redisse: que a Mãe nem nunca tinha estado doente, nascera sempre sã e salva! O vô do pássaro habitava-o mais. O bonequinho macaquinho quase caíra e se perdera: já estando com a carinha bicuda e meio corpo saídos do bolso, bisbilhotados! O Menino não lhe passara pito. A tornada do pássaro era emoção enviada, impressão sensível um transbordamento do coração. O Menino o guardava, no fugidir, de memória, em feliz vô, no ar sonoro, até à tarde. O de que podia se servir para consolar-se com, e desdolorir-se, por escapar do aperto de rigor —daqueles dias quadriculados.

Ao quarto dia, chegou um telegrama. O Tio sorriu, fortíssimo. A Mãe estava bem, sarada! No seguinte —depois

do derradeiro sol do tucano —voltariam para casa.²⁰

Mais do que agente de um momento prazeroso, o tucano foi o porta-voz da cura e da aprendizagem do Menino. Ter a Mãe sã era o principal desejo do Menino. Mas o caminho, interposto entre a doença e a cura da Mãe, é trilhado por ele na experiência do real.

A procura pela cura da Mãe é sentida pelo Menino no operar do real. A realidade vivenciada pelo Tio não abarca o real mundificado, já que é uma possibilidade da pluralidade do real, onde o Menino, como ser rosiano, cria amplitudes para vivenciar e experienciar o real, nas suas múltiplas possibilidades de passados, de presentes e de futuros, de tempo cronológico e de não tempo marcado mecanicamente.

O encanto do Menino pelo tucano não era o de posse. Não era seu desejo engaiolá-lo para quando quisesse apreciar suas penas. Mas, sim, queria vê-lo em seu agir na natureza. O tucano, posto que este não pode ser medido nem enquadrado, tal como aquele em seu esplendor de ser, leva o Menino a uma outra amplitude não marcada pelo sofrimento de ter a mãe doente. Não se trata de alívio, mas de experienciar o real em uma outra instauração, outra dimensão de um real que se dá e se encobre em operar mundos.

O Menino não é apresentado e representado pela infantilidade, circunscrita, amiúde, para desqualificar a criança em detrimento de sancionar uma etapa da vida como a única digna e respeitada para ser vivida. Tanto as crianças quanto os anciões são originais nas histórias rosianas. Não há como enclausurar as personagens rosianas em tipologias. O ser que não pode ser representado por não ser sempre o mesmo nem ser encaixotado por não ser passível de materialização oxidável.

O pássaro trouxe consigo o agir da natureza. Ele operou no Menino. O próprio é a procura de si, ainda que haja a procura pela cura da mãe. Ou seja, através da procura pela cura da Mãe, ele se cura por experienciar o real, o agir da natureza através do tucano.

O sofrimento, em si, não torna ninguém mais vulnerável, quando é dialógico com o real, a linguagem, a natureza. Ele é descoberta. Esta não se dá pela percepção de fatos ou pela compreensão de palavras, mas, quando há a escuta do próprio. O próprio é o nascer de si, a cura da procura, o descoberto do encoberto, a voz da unidade da pluralidade. O sofrimento leva, ao ápice, a experiência vivificada. As lágrimas são o transbordamento, plenitude da inauguração do real e da linguagem.

Quem é acometido pelo sofrimento não pode ser adjetivado como peixe fora d'água. Ainda que a realidade seja uma coisificação para a pluralidade do real, o sofrimento não a impugna, mesmo quando ela é enclausurante, porém, ultrapassa-a ao ser vigorado pelo acontecer primordial. O real é tudo o que é; a realidade são as possibilidades do real.

Nas histórias rosianas, a alegria não é o privilégio, assim como a tristeza não é o fundo do poço. Ambas são acontecimentos do real, da linguagem, do ser. Ser alegre é auscultar a si, velando pelo próprio, na experiência e na vivificação, plenificando o desmedido aflorar do sentido. A alegria surge, portanto, da tristeza, também. Como possibilidade de ser, a tristeza não dura *ad infinitum*, posto que o real é pluralidade. Não está dito que a tristeza é temporária ou esporádica, mas, sim, entende-se que a tristeza é independente de qualquer medição cronológica, subjetiva, temporal, adjetiva. E seu fim pode ser a inauguração da alegria.

E o desmedido momento é o abrir-se à vida, narrado no subcapítulo “O desmedido momento”. Na singeleza do cotidiano, na sutileza do pensar, na simplicidade de um seu suceder há o momento desmedido, quando se depara com a vida e procura-se vivê-la.

E, com pouco, o Menino espiava, da janelinha, as nuvens de branco esgarçamento, o veloz nada. Entretempo, se atrasava numa saudade, fiel às coisas de lá. Do tucano e do amanhecer, mas também de tudo, naqueles dias tão piores: a casa, a gente, a mata, o *jeep*, a poeira, as ofegantes noites —o que se afinava, agora, no quase-azul de seu imaginar. A vida, mesmo, nunca parava. O Tio, com outra gravata, que não era a tão bonita, com pressa de chegar olhava no relógio. Entrepensava

o Menino, já quase na fronteira soporosa. Súbita seriedade fazia-lhe a carinha mais comprida.

E, quase num pulo, agonizou-se: o bonequinho macaquinho não estava mais em seu bolso! Não é que perdera o macaquinho companheiro!... Como fora aquilo possível? Logo as lágrimas lhe saltavam.

Mas, então, o moço ajudante do piloto veio trazer-lhe, de consolo, uma coisa: — “Espia, o que foi que eu achei, para Você.” — e era, desamarrotado, o chapeuzinho vermelho, de alta pluma, que ele, outro dia, tanto tinha jogado fora!

O Menino não pôde mais atormentar-se de chorar. Só o rumor e o estar no avião o atontavam. Segurou o chapeuzinho sozinho, alisou-o, o pôs no bolso. Não o companheirinho Macaquinho não estava perdido, no sem-fundo escuro no mundo, nem nunca. Decerto, ele só passeava lá, porventura e porvindouro, na outra-parte, aonde as pessoas e as coisas sempre iam e voltavam. O Menino sorriu do que sorriu, conforme de repente se sentia: para fora o caos pré-inicial, feito o desenglobar-se de uma nebulosa.

E era o inesquecível de-repente, de que podia traspassar-se, e a calma, inclusa. Durou um nem-nada como a palha se desfaz, e, no comum, na gente não cabe: paisagem, e tudo, fora das molduras. Como se ele estivesse com a Mãe, são, salva, sorridente, e todos, e o Macaquinho com uma bonita gravata verde —no alpendre do terreirinho das altas árvores... e no *jeep* aos bons solavancos... e em toda-a-parte... no mesmo instante só... o primeiro ponto do dia... donde assistiam, em tempo-sobre-tempo, ao sol no renascer e ao vôo, ainda muito mais vivo, entoante e existente —parado que não se acabava —do tucano, que vem comer frutinhas na dourada copa, nos altos vales da aurora, ali junto de casa. Só aquilo. Só tudo.

—“Chegamos, afinal!” —o Tio falou.

—“Ah, não. Ainda não...” —respondeu o Menino.

Sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida.²¹

E, após, a experiência, a vida se (re) inicia. Da partida, chega a saudade. Esta irrompe do experienciado e do convivido no real. A teia da vida é a doação do real e da linguagem. É a vereda. O Menino, de volta para casa, já está em um novo caminho, no âmago inaugural. Ele sabe que não está no ponto de chegada, mas, no caminhar que é a vida.

Bibliografia

ANAXIMANDRO. PARMÊNIDES. HARÁCLITO. **Os pensadores originais**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão; Sérgio Wrublewski. 4ª ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Trad. Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleção tópicos.

----- . **Memória e vida**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Tópicos)

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Trad. Vera da Costa e Silva et. al. 26ª ed. Rio de Janeiro, 2012.

- COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- . **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HEIDEGGER, Martin. **Hölderlin y la esencia de la poesía**. Trad. Juan David García Bacca. Barcelona: Anthropos, 1994.
- . **A caminho para a linguagem**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LORENZ, Gunter W. **Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro**. Trad. Rosemary Costhek Abílio e Frídey Souza Rodriguez. São Paulo: E. P. U., 1973.
- MACHADO, Ana Maria. **Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do Nome de seus personagens**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2003.
- NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. São Paulo: Perspectiva, 1976
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- . **El arco y la lira**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1990.
- . **Signos em rotação**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. 3ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1996.
- PLATÃO. **Fedro**. Trad. Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2012.
- ROSA, João Guimarães. **Fita verde no cabelo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- . **Magma**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- . **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001a.
- . **Tutaméia (Terceiras estórias)**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001b.
- . **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001c.
- . **Manuelzão e Miguilim**. 11ª ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001d.
- . **No Urubuquaquá, no Pinhém**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001e.
- . **Noites do sertão**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001f.
- . **Ave, palavra**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001g.
- . **Estas estórias**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001h.
- . **Grande sertão: veredas**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001i.
- . **Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958 – 1967)**. Org. Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti. Trad. Erlon José Paschoal. Rio de Janeiro: Nova fronteira: Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003a.
- . **Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003b.

----- **Cartas a William Agel de Mello.** Cotia: Ateliê Editorial, 2003c.

----- **Ficção completa em dois volumes.** Org. Eduardo Coutinho. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

----- **Antes das primeiras estórias.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SCHOEPFLIN, Maurizio. **O amor segundo os filósofos.** Trad. Antonio Angonese. Bauru: EDUSC, 2004.

SECCHIN, Antonio Carlos (Org.) et al. **Veredas no sertão rosiano.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

SOUZA, Ronaldes de Melo e. **A saga rosiana do sertão.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

TORRANO, JAA. **O sentido de Zeus: O mito do mundo e o modo mítico de ser no mundo.** São Paulo: Iluminuras, 1996.

Recebido em 31 de julho de 2018.

Aceito em 6 de novembro de 2018.